



### **BOTOU NA PAREDE: A COCORRÊNCIA ENTRE BOTAR E COLOCAR, ALÉM DO SENTIDO DE PÔR NO FALAR FORTALEZENSE<sup>1</sup>**

**BOTOU NA PAREDE: THE CO-OCCURRENCE BETWEEN BOTAR AND COLOCAR, AS WELL AS THE MEANING OF PÔR IN THE LANGUAGE OF FORTALEZA**

Cassio Murílio Alves de Lavor (EUCE)<sup>2</sup>  
[murilolavor\\_rh@hotmail.com](mailto:murilolavor_rh@hotmail.com)

Aluiza Alves de Araújo (UECE)<sup>3</sup>  
[aluizazinha@hotmail.com](mailto:aluizazinha@hotmail.com)

Brenda Kathellen Melo de Almeida (UECE)<sup>4</sup>  
[brendakathellen@yahoo.com.br](mailto:brendakathellen@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Nesta pesquisa, abordamos a variação entre *botar* e *colocar* no falar de Fortaleza - CE, em tempo aparente. Neste recorte, analisamos os verbos *botar* e *colocar* com o sentido de *fixar*, *pendurar*, *pregar*, *amarrar*, *instalar*, *desenhar* e *costurar*. Embasados nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, analisamos o efeito de variáveis linguísticas (*traço semântico e animacidade do objeto*, *(in)determinação do sujeito*, *papel do falante*, *tópico discursivo*) e extralinguísticas (*sexo*, *faixa etária*, *escolaridade*) sobre o emprego do verbo *botar*. Para a realização deste estudo, selecionamos dados de fala extraídos do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), utilizando apenas o tipo de registro DID. O programa GoldVarb X contabilizou 86 ocorrências, sendo 64,0% para o verbo *botar* e 36,0% para o verbo *colocar*. Além das frequências, o programa revelou apenas a variável *escolaridade* como favorecedora da regra variável, o que nos fez, em virtude da importância para os trabalhos sociolinguísticos, apresentarmos os resultados de frequência para as variáveis *sexo* e *faixa etária*. A pesquisa não foi conclusiva quanto a variação entre os verbos *botar* e *colocar* na fala popular do fortalezense tratar-se de um caso de variação estável nem de mudança em progresso, fato que leva à compreensão de que a concorrência entre os verbos *botar* e *colocar* deve ser ainda mais discutida e refletida posteriormente, dada a importância do tratamento dado a essa variação e da questão social, quanto ao julgamento atribuído à variante *botar*, como a de menor valor social, uma vez que

<sup>1</sup> Esta pesquisa está vinculada ao Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE), coordenado pela professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, docente vinculada à Linha de pesquisa 02 – Multilinguagem, Cognição e Interação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada- PosLA da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

<sup>2</sup> Doutorando e mestre em Linguística Aplicada (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Letras – Língua Portuguesa (2014) pela Universidade Estadual do Ceará e pós-graduado em Neurolinguística pelo Centro Universitário FAVENE (2021). Atua na área de Letras com ênfase em Linguística, Sociolinguística Variacionista. Prof. da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUCE).

<sup>3</sup> Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC); graduada em Letras pela mesma instituição. É professora do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada-PosLA da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

<sup>4</sup> Doutoranda e mestra em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), licenciada em Letras Português pela mesma Universidade. Atua com ênfase na área de Sociolinguística Variacionista.



essa se apresenta como a de maior uso na comunidade estudada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística Variacionista; NORPOFOR; botar; colocar.

**ABSTRACT:** In this research, we approached the variation between *botar* and *colocar* in the talk of Fortaleza - CE, in apparent time. In this clipping, we analyze the verbs *botar* and *colocar* with the meaning of *fixing, hanging, nailing, tying, installing, drawing* and *sewing*. Based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics, we analyzed the effect of linguistic (*semantic trait and animacy of the object, (in)determination of the subject, speaker's role, discursive topic*) and extralinguistic (*gender, age group, education*) variables on the use of the verb to *botar*. To carry out this study, we selected speech data extracted from the NORPOFOR database (Oral Norm do Portuguese Popular de Fortaleza), using only the type of record DID. The GoldVarb X program counted 86 occurrences, with 64.0% for the verb *botar* and 36.0% for the verb *colocar*. In addition to the frequencies, the program only revealed the *education variable* as favoring the variable rule, which made us, due to its importance for sociolinguistic work, to present the frequency results for the *gender* and *age group* variables. The research was not conclusive as to whether the variation between the *botar* and *colocar* verbs in the popular speech of Fortaleza is a case of stable variation or change in progress, a fact that leads to the understanding that the competition between *botar* and *colocar* verbs must be even more discussed and reflected later, given the importance of the treatment given to this variation and the social issue, regarding the judgment attributed to the *botar* variant, as the one with the lowest social value, since this is presented as the most widely used in the community. studied.

**KEYWORDS:** Variationist Sociolinguistics; NORPOFOR; botar; colocar.

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, os verbos *botar* e *colocar* perpassam o vocabulário do povo cearense, no entanto, antes de perceberem sua coocorrência, os falantes atribuem valores a estes verbos para distinguirem o seu uso. Logo, o senso comum<sup>5</sup> passou a acreditar que o verbo *botar* é errado ou vulgar em comparação com o seu concorrente, o verbo *colocar*, que recebeu valor de correto, portanto, prestigiado.

Este processo se configura como um julgamento de valor, sem nenhum respaldo semântico<sup>6</sup>, em que o verbo desprestigiado sofre o fenômeno da hipercorreção, ou seja, o falante o substitui pelo seu concorrente prestigiado, no momento em que toma

<sup>5</sup> O senso comum, segundo Fonseca (2002, p. 10), “surge instintivo, espontâneo, subjetivo, acrítico, permeado pelas opiniões, emoções e valores de quem o produz” [...]. Quanto às constatações feitas por nós acerca dos valores sociais atribuídos aos verbos estudados, pontuamos que elas foram construídas, basicamente, por meio de diálogos e questionamentos informais feitos aos nossos colegas de profissão, alunos em sala de aula e demais pessoas em nosso cotidiano.

<sup>6</sup> Aqui, o termo ‘respaldo semântico’ foi usado para esclarecer que foram feitas consultas em dicionários, como os de Luft (2005) e Bechara (2011), e, em gramáticas, como as de Bechara (2015), Ferreira (2003) e Rocha Lima (1992).



consciência do seu uso, em lugares pontuais, como nos lembra Batoréo e Casadinho (2009). Além disso, o fenômeno em pauta também pode ser interpretado como estigmatização da forma verbal *botar*. Essa estigmatização pode ser definida como estereótipos (*stereotypes*) linguísticos, ou seja, quando uma das formas variantes é marcada socialmente com estigma negativo e é associada a um grupo específico dentro da comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]).

Entendemos, então, alinhados com o pensamento de Carmo e Araújo (2015), que a variação entre *botar* e *colocar* necessita de mais estudos, a fim de esclarecer este jogo de valores. Este aspecto, de o verbo *botar* ser marcado com o estigma de errado e vulgar, vem sendo confirmado frequentemente em muitas pesquisas variacionistas no Português do Brasil, doravante PB, e no português europeu, doravante PE.

Após pesquisarmos sobre o fenômeno em pauta no PB e PE, encontramos os seguintes trabalhos: Lavor, Araújo e Viana (2020); Araújo, Lavor e Pereira (2020); Lavor, Vieira e Araújo (2019); Lavor e Araújo (2019); Lavor, Viana e Araújo (2019); Lavor, Araújo e Viana (2018); Carmo e Araújo (2015); Chaves (2014); Barreto, Oliveira e Lacerda (2012); Araújo (2011); Batoréo e Casadinho (2010) e Aguilera e Yida (2008). Entre esses, selecionamos os estudos de Lavor e Araújo (2019), Lavor, Araújo e Viana (2020) e Araújo, Lavor e Pereira (2020) como norteadores deste trabalho, na escolha das variáveis e na construção das hipóteses.

Com o objetivo de analisar o efeito de fatores linguísticos e extralinguísticos<sup>7</sup> sobre as formas verbais *botar* e *colocar* na fala popular do fortalezense, esta pesquisa adota os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]).

É fato que a variação entre os verbos em pauta tem chamado a atenção de pesquisadores do PB e além mar, do PE. Mas, a princípio, o assunto comumente causa estranheza. Talvez pelo fato de que, no PE, não existe concorrência entre os verbos *botar* e *colocar*, pois lá há uma delimitação semântica para o uso de cada uma das formas

---

<sup>7</sup> A apresentação dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos testados nesta pesquisa é feita na seção dedicada à Metodologia da pesquisa.



verbais, o que não ocorre no PB, pois foram controlados mais de 110 sentidos atribuídos a esses verbos no PB, conforme Lavor (2018).

Em função dessa multiplicidade semântica, atribuída aos verbos *botar* e *colocar*, optamos por realizar esta pesquisa, sobre a concorrência entre os verbos em pauta, trabalhando apenas com esses verbos no sentido de *fixar*, *pendurar*, *pregar*, *amarrar*, *instalar*, *desenhar* e *costurar*, diferentemente de outras pesquisas, até Lavor (2018), que controlaram os verbos apenas com o sentido de pôr. Esses sentidos semânticos foram definidos a partir de um amalgamamento feito por Lavor (2018), quando o autor precisou controlar todos os sentidos atribuídos a esses verbos para formar um grupo de fatores, *sentido traduzido pelo verbo na sentença*<sup>8</sup>, uma de suas variáveis controladas. Vejamos como esses sentidos foram interpretados a partir dos excertos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, extraídos de nossa amostra, formada a partir do banco de dados NORPOFOR. Isso permite uma melhor visualização da coocorrência entre os verbos *botar* e *colocar* na fala do fortalezense.

(01) ...não tem quase vida mas quando você *coloca*<sup>9</sup> um é... mas quando você coloca um pé inoxinho de cinco... (DID, INQ.84, NORPOFOR)<sup>10</sup>.

(02) ... um dia desse tirei o retrato dum telefone não sei se você se lembra era do meu tempo ainda de menino... telefone que era *colocado*<sup>11</sup> na parede pra você ligar tinha assim uma manivela assim se lembra? (DID, INQ. 65, NORPOFOR).

(03) a pessoa ah passa a mão na ca/ um dia desse chegou um *botou*<sup>12</sup> um cartaz aqui e foi rezar só conhece a gente nas eleições... (DID, INQ. 95, NORPOFOR).

(04) ... o homem ele tem::: o livre arbítrio né Deus de:::u desde lá do jardim do Éden que Ele deu o livre arbítrio pro homem o homem não é forçado a/a:: servir a Deus é Deus ele não pega um ( ) e disse/*colocou*

<sup>8</sup> Esse procedimento que resulto na variável sentido traduzido pelo verbo na sentença foi o caminho encontrado por Lavor (2018), em sua Dissertação de Mestrado, para apresentar a riqueza semântica dos verbos *botar* e *colocar*.

<sup>9</sup> Sentido de fixar o pé.

<sup>10</sup> DID (Diálogo entre Informante e Documentador) é o tipo de registro; o número significa a ordem das entrevistas ou o número do inquérito (INQ); NORPOFOR é o banco de dados com o qual trabalhamos (ARAÚJO, 2010).

<sup>11</sup> Sentido de pendurado na parede.

<sup>12</sup> Sentido de pregar na parede.



um cabresto e disse você:: ah vai me servir você:: (DID, INQ. 150, NORPOFOR)

(05) derrubaram tudo aquilo e fazer... ajeitaram a coluna da hora *botaram*<sup>13</sup> aquela fonte aquela fonte de água lumiNOsa... (DID, INQ. 138, NORPOFOR)

(06) ... enfim *botar* uns prédios atrás e a favela na frente... tá discriminando a favela e tal... o rap... é a/ é/ é o/ a música né? (DIDI, INQ. 20, p. 10, NORPOFOR).

(07) ... tem mó::veis... tem em sofás... [...] ... eles *colocam*<sup>14</sup>... eles *colocam*... aí... dá uma corzinha... aí eles vendem como outra coisa [...]... às vezes eu *boto*<sup>15</sup> um um um... um mostarda... um azul...[...]... fica bom o serviço [...] não é... cem por cento [...] que o certo mesmo era... *colocar* é um tecido novo... (DID, INQ.84, NORPOFOR).

Nossas questões de pesquisa são: i) entre as variantes *botar* e *colocar*, qual a mais frequente na amostra analisada?; ii) quais os fatores linguísticos e extralinguísticos<sup>16</sup> favorecem a presença do verbo *botar*?; iii) a concorrência entre *botar* e *colocar* é um caso de variação estável ou há indícios de uma mudança em progresso, no sentido de *botar* suplantando *colocar*?

Definida nossa justificativa, nosso objetivo e nossas questões de pesquisa, cabe pontuar que buscamos, na literatura investigada, suporte para a definição das variáveis controladas e formação de hipóteses<sup>17</sup>, que devem ser confirmadas ou refutadas na apresentação dos dados estatísticos referentes a este estudo.

Nas seções seguintes, apresentamos *a Revisão da literatura* sobre a alternância entre os verbos *botar* e *colocar* em Fortaleza – CE; definimos a natureza da pesquisa e os principais passos adotados na *Metodologia*, para, em seguida, apresentarmos, em gráficos e tabelas, os *Resultados* estatísticos oferecidos pelo programa computacional, GoldVarb X<sup>18</sup>, analisando-os à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Por fim,

<sup>13</sup> Sentido de instalar uma fonte.

<sup>14</sup> Sentido de costurar o tecido.

<sup>15</sup> Sentido de costurar o tecido.

<sup>16</sup> Os grupos de fatores estão dispostos na metodologia da pesquisa.

<sup>17</sup> As hipóteses desta pesquisa estão inseridas na seção destinada à Metodologia da pesquisa.

<sup>18</sup> Em síntese, o GoldVarb X é um conjunto de programas computacionais para análise estatística de dados linguísticos (SCHERRE, 2012). Na metodologia, dispomos mais informações sobre esse programa, mas é



encerramos com nossas *Considerações finais* e as referências utilizadas.

## 2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Historicamente, a variação linguística é apresentada a partir dos estudos de William Labov, mas é sempre bom lembrar que a Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Quantitativa foi desenvolvida não apenas por este pesquisador, mas, sim, a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), na década de sessenta, objetivando descrever a língua e seus condicionadores sociais e linguísticos, levando em conta seu uso no contexto social. E, bem antes desses pesquisadores, início do século XIX, Meillet já abordava a existência de uma relação intrínseca entre língua e sociedade, conforme Coelho et al. (2012).

O certo é que, a partir desse novo modelo teórico-metodológico, desenvolvido por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), passou-se a discutir uma nova concepção de língua, afastando-a das concepções vigentes na época, especificamente o Estruturalismo, conhecido a partir da publicação em 1916 do *Cours de linguistique générale* de Sausurre, que se preocupou em defender a língua como um sistema de signos ou um conjunto de unidades organizadas formando um todo; e o Gerativismo nos anos 50, a partir dos estudos de Noam Chomsky, que via a língua como um conjunto de sentenças e que só poderia ser estudada linguisticamente até onde ela é homogênea, ou seja, na mente do falante. Logo, essa Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Variacionista surge contrapondo-se a esses modelos de língua homogênea.

Esse novo modelo teórico, que trata da questão da variação linguística, cujo principal autor foi William Labov, em meados dos anos 60, do Século XX, introduziu novas discussões acerca da heterogeneidade da língua, o que, mais tarde, serviria de base para a sedimentação de outras características dessa disciplina, considerada um ramo da Linguística. Nesse novo modelo, determinado pela Sociolinguística, a língua passa a ser

---

possível obter maiores informações sobre o GoldVarb X, visitando a página disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.



apresentada como um sistema organizado, que varia em função de fatores sociais, além de fatores internos à própria língua.

Então, essa nova ciência passa a se ocupar de fatores, de ordem externa e interna, e da pressão que eles exercem sobre a língua usada nas comunidades de fala e, além disso, da maneira como os indivíduos percebem e avaliam a língua. A grosso modo, a Sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade. Mas, é preciso registrar que outras ciências também estudam essa relação íntima entre a língua que usamos e o meio social que partilhamos, como a Linguística Histórica, a Análise do Discurso, a Geolinguística, entre outras.

Essa teoria desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), e consolidada a partir dos estudos de Labov (2008 [1972]), a Teoria da Variação e Mudança Linguística, além de defender o caráter social da língua, traçou como princípio a heterogeneidade ordenada frente aos fenômenos variáveis da língua, ou seja, que estes não ocorrem de forma caótica e desordenada, e são passíveis de sistematização, uma vez que os fatores linguísticos e sociais condicionam e explicam o uso de uma ou outra variante da língua nos processos de variação (LABOV, 2008 [1972]).

A língua, concebida como um sistema heterogêneo, passa a ser formada por regras categóricas, que não admitem variação, e regras variáveis, que permite mais de uma alternativa linguística, porém não de forma aleatória. Assim, a Sociolinguística Variacionista defende a variação, assevera que uma ou outra forma é condicionada por fatores contextuais, internos à estrutura linguística, ou externos, relacionados à comunidade linguística.

Em síntese, como a variação é intrínseca às línguas, ela está inseparavelmente ligada ao que defendemos como heterogeneidade, ou seja, a língua é um sistema heterogêneo. Logo, quando Labov (2008) fala em heterogeneidade, o autor está empenhado na defesa de uma variação sistematicamente explicada. Assim, em duas proposições linguísticas, direcionadas ao mesmo estado de coisas, com o mesmo valor de verdade, se estabelecem como variantes de uma mesma regra variável. Esse fenômeno, então, acontece devido às diferentes maneiras de dizer que os falantes pertencentes a uma



mesma comunidade de fala realizam a depender da sua necessidade comunicativa, uma vez que a língua não é um sistema fechado e imutável (ALKMIM, 2011).

Após esse breve percurso teórico, resenhamos, a seguir, três estudos variacionistas, realizados a partir da fala popular fortalezense, com base nos dados do NORPOFOR.

### 3 OS VERBOS BOTAR E COLOCAR NO FALAR DE FORTALEZA

Para compor o estado da arte desta pesquisa, decidimos resenhar trabalhos sobre os verbos em pauta, contudo, selecionamos apenas trabalhos cuja metodologia e teoria aplicada são as mesmas que usamos em nossa pesquisa. Além disso, filtramos, entre as pesquisas encontradas, apenas trabalhos realizados com a fala popular fortalezense a partir do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). Portanto, aqui trataremos de três pesquisas, recortes de Lavor (2018), a saber: Lavor e Araújo (2019), Lavor, Araújo e Viana (2020) e Araújo, Lavor e Pereira (2020).

O trabalho de **Lavor e Araújo (2019)** apresenta parte dos resultados da pesquisa de Lavor (2018). Nesta pesquisa, o verbo *botar* foi controlado em todos os 110 sentidos mapeados por Lavor (2018), a partir do tipo de registro DID (Diálogo entre Informante e Documentador) do banco de dados NORPOFOR. Na pesquisa, foram controlados os grupos de fatores linguísticos: *traço semântico e animacidade do objeto, (in) determinação do sujeito, papel do falante, sentido materializado pelo verbo na sentença e tópico discursivo*; e extralinguísticos: *sexo, faixa etária e escolaridade*. Entre esses, foram selecionados, após a retirada dos nocautes<sup>19</sup> da rodada inicial, como relevantes para aplicação da regra variável: os grupos de fatores *tópico discursivo*- nos fatores *lazer* (PR

---

<sup>19</sup> Nocautes ou knockOut é uma terminologia de análise do GoldVarb X, usada em todos os programas da série Varbrul, “é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).



**0,761**)<sup>20</sup>, *cotidiano* (PR<sup>21</sup> **0,693**), *política local/nacional* (PR **0,650**), *problemas sociais e urbanos* (PR **0,609**), *recordações* (PR **0,609**), *relacionamentos* (PR **0,505**) e *vida escolar* (PR **0,503**)- *faixa etária*, no fator faixa etária III, + de 50, (PR **0,612**) e faixa etária II, 26 a 49 anos, (PR **0,525**)- *escolaridade*, nos fatores de 5 a 8 anos de escolarização (PR **0,590**) e de 0 a 4 anos de escolarização (PR **0,514**)- (*in*) *determinação do sujeito*, no fator Sujeito determinado pelo contexto (PR **0,523**) nesta ordem de importância.

Em uma rodada binária, usando o verbo *botar* como valor de aplicação<sup>22</sup>, o programa GoldVarb X apresentou, após retirada de nocautes, um total de 846 ocorrências, 664 (**78,5%**) para *botar* e 182 (**21,5%**) para *colocar*, um resultado muito expressivo na afirmação do verbo *botar* na fala popular do fortalezense. Nessa pesquisa, o verbo *botar* foi usado com maior frequência e o *colocar* foi empregado em menor proporção pelos informantes de Fortaleza. Além disso, o verbo *botar* é condicionado por quatro variáveis, duas sociais, *faixa etária* e *escolaridade*, e duas extralinguísticas, *tópico discursivo* e (*in*) *determinação do sujeito*.

A pesquisa de **Lavor, Araújo e Viana (2020)** trata da variação de *botar* e *colocar* no sentido de *expelir*, *vomitar*, *lançar fora*, *expulsar* e *parir* no falar popular de Fortaleza–CE, a partir de dados extraídos do NORPOFOR, utilizando 72 informantes do tipo de registro DID. Para esta pesquisa, foram controlados os grupos de fatores linguísticos *tópico discursivo*, *traço semântico* e *animacidade do objeto*, (*in*)*determinação do sujeito*, *papel do falante* e extralinguísticos *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Dentre esses grupos de fatores, foram selecionados, pelo GoldVarb X, como relevante para o uso de *botar*, o grupo *tópico discursivo*- no fator *Recordações* (PR **0,826**)- e a *faixa etária*, no grupo *faixa II*, 26 a 49 anos, (PR **0,899**), nessa ordem de importância.

Em uma rodada inicial binária, foram detectados oito nocautes com 100% das

<sup>20</sup> Optamos por apresentar todos os resultados estatísticos contidos nesta pesquisa em negrito para melhorar a visualização dos mesmos.

<sup>21</sup> **PR**- Abreviatura para *Peso Relativo* das variáveis, em que PR < 0,5; PR = 0,5 e PR > 0,5 indicam, respectivamente, desfavorecimento, neutralidade e favorecimento de um fator postulado em uma determinada variável sobre a variante escolhida como aplicação da regra (GUY; ZILLES, 2007).

<sup>22</sup> Em uma análise feita pelo programa Varbrul, “o pesquisador deve escolher qual das variantes será tratada como *aplicação da regra* e, ao realizar a rodada dos dados, deve informar ao programa o respectivo código dessa variante” (GUY; ZILLES, 2007, p. 229).



ocorrências para o verbo *botar*. Após a retirada desses nocautes, o programa computacional apresentou um total de 42 ocorrências, 36 (85,7%) para *botar* e apenas 6 (14,3%) para *colocar*. Esses números, mais uma vez, confirmam que o verbo *botar* é o mais frequente na comunidade estudada, mesmo quando os sentidos aplicados ao verbo são reduzidos. Os resultados nos levam a inferir, também, que o verbo *botar* e o *colocar* são usados pelos informantes em maior e menor proporção, respectivamente, e sofrem influência de duas variáveis, uma externa ao sistema linguístico, a variável *faixa etária*, e outra interna ao sistema linguístico, *tópico discursivo*.

A pesquisa de Araújo, Lavor e Pereira (2020), partindo de dados extraídos do tipo de registro DID, do banco de dados NORPOFOR, aborda a variação no uso dos verbos *botar* e *colocar*, no sentido de *introduzir um objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar e engolir*, em amostra do falar popular de Fortaleza – CE. Para essa pesquisa, foram controlados os grupos de fatores extralinguísticos *sexo, faixa etária e escolaridade* e os linguísticos *tópico discursivo, traço semântico e animacidade do objeto, (in) determinação do sujeito e papel do falante*. O programa computacional revelou que, dentre esses grupos, apenas o *tópico discursivo*, no fator *Recordações* (PR 0,736), favorece o uso do verbo *botar*, os demais grupos de fatores se comportam como inibidores da regra variável.

Em uma primeira rodada de análise estatística, o GoldVarb X apontou a presença de cinco nocautes com 100% das ocorrências para o verbo *botar*. Após a retirada desses nocautes, o programa computacional apresentou um total de 131 ocorrências, 36 (84,0%) para *botar* e 21 (16,0%) para *colocar*. Mais uma vez, os dados estatísticos de frequência confirmam uma maioria de uso para o verbo *botar* em detrimento de *colocar*. Podemos concluir, ainda, que, nesta pesquisa, os informantes usam o verbo *botar*, em maior proporção, e *colocar*, em menor frequência, condicionados por uma única variável extralinguística, o *tópico discursivo*.

Os trabalhos apresentados aqui nos levam a considerar que existe um grupo de fatores que se destaca dos demais, o *tópico discursivo*, pois ele foi selecionado como sendo sempre favorável ao uso do verbo *botar*, ou seja, foi selecionado em três das três



pesquisas apresentadas. Isso pode significar que esse grupo de fatores é imprescindível para as pesquisas variacionistas relacionadas à variação entre o verbo *botar* e *colocar*, principalmente quando entendemos, assim como Galembeck (2005), que o “tópico discursivo pode ser considerado um dos elementos essenciais na produção da fala e, por conseguinte, dos estudos de língua falada” (GALEMBECK, 2005, p.278).

A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos que tornaram possível a realização desta pesquisa, pois entendemos que, em virtude de todo o aparato que envolve as pesquisas de cunho variacionista, é imprescindível esclarecer a sequência de métodos que nos levaram à conclusão dos resultados apresentados.

#### **4 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Esta pesquisa é de natureza quantitativa, pois “a pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros” (FONSECA, 2002, p. 20). Além disso, para Dorney (2007), esse tipo de pesquisa, quantitativa, envolve procedimentos de coleta de dados que resultam em dados numéricos e que são analisados através de métodos estatísticos, como os oferecidos neste estudo. Esta pesquisa também é caracterizada como descritiva, justificando-se pelo comprometimento em descrever os fatos e fenômenos encontrados sobre o objeto de estudo, evitando-se o subjetivismo, apenas descrevendo as evidências apresentadas a partir dos dados oferecidos pelo programa computacional, conforme Triviños (1987).

Os caminhos que nos levaram à realização desta pesquisa foram definidos, primeiramente, pela escolha do banco de dados, NORPOFOR, para a seleção de nossa amostra, a formação do *corpus* com o qual trabalhamos, a seleção das variáveis, linguísticas e extralinguísticas, com as quais confeccionamos nosso envelope de variação, e as hipóteses que norteiam a pesquisa. Assim, apresentamos a seguir as subseções que dão conta dos procedimentos aplicados neste estudo.



#### 4.1 O BANCO DE DADOS

Ao escolhermos o objeto de estudo desta pesquisa, a variação entre *botar* e *colocar*, selecionamos um banco com o qual pudéssemos trabalhar, ao invés de formarmos um novo banco de dados, situação que demandaria muito tempo. Assim, optamos por um banco de dados já pronto e disponível gratuitamente, o que nos levou ao NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). Além disso, o fato de esse banco de dados representar, de forma fidedigna, o falar fortalezense foi mais um aspecto motivador.

O NORPOFOR, segundo Araújo, Viana e Pereira (2018b), foi um projeto desenvolvido na Universidade Estadual do Ceará (UECE), entre 2003 a 2006, sob coordenação da Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo, auxiliada por 286 pessoas, entre professores e alunos, dos cursos de graduação em Letras. Ele foi idealizado a partir da necessidade de representação da fala popular fortalezense, e da necessidade de um banco de dados que “controlasse o as variáveis gênero, faixa etária, escolaridade e tipo de registro” (ARAÚJO, 2011, p. 836).

Esse banco de dados foi estratificado de acordo com o sexo biológico, faixa etária, escolaridade<sup>23</sup> e tipo de registro. Nele, as entrevistas de natureza sociolinguística são divididas em três tipos de gravação: Diálogo entre Dois Informantes – D2, Diálogo entre Informante e Documentador – DID e Elocução Formal – EF. Quanto à seleção dos informantes que fazem parte desse banco de dados, todos foram selecionados seguindo critérios rigorosos definidos pela Sociolinguística. Assim, determinou-se que todos os informantes fossem fortalezenses natos; residentes na capital e que nunca tivessem se

---

<sup>23</sup> Nenhum dos informantes que compõem o banco de dados NORPOFOR possui ensino superior. A primeira escolaridade A (0 a 4 anos de escolaridade) contempla tanto informantes que nunca frequentaram a escola quanto os que fizeram o antigo primário (atual ensino fundamental I), completo ou incompleto. A segunda escolaridade B (5 a 8 anos de escolaridade) é formada por informantes com primeiro grau completo (atual ensino fundamental II) ou incompleto, já a terceira escolaridade C (9 a 11 anos de escolaridade) reúne informantes com segundo grau completo ou incompleto, atual ensino médio (ARAÚJO, VIANA, PEREIRA, 2018b).



ausentado desta por um período superior a 3 meses; e filhos de pais cearenses (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018b).

O NORPOFOR é formado por 196 entrevistas, estratificadas por sexo (masculino e feminino), faixa etária (I- 15 a 25 anos, faixa etária II- 26 a 49 anos e faixa etária III- + de 50 anos), escolaridade (de 0 a 4 anos de estudo, 5 a 8 anos de estudo e 9 a 11 anos de estudo) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador- DID, Diálogo entre Dois Informantes-D2 e EF- Elocução Formal). A seguir, apresentamos a amostra definida para este estudo.

#### 4.2 A AMOSTRA

Como o interesse desta pesquisa é pelo falar natural, decidimos trabalhar apenas com dados do tipo de registro DID (Diálogo entre Informante e Documentador), já que, dentre os três tipos de registro do banco de dados NORPOFOR, esse é um dos que mais se aproxima da fala cotidiana do informante, do vernáculo<sup>24</sup>.

Nesse tipo de registro, o entrevistador é orientado a fazer com que o momento da entrevista torne-se uma situação descontraída, de modo que o entrevistado se sinta à vontade e, mesmo tendo consciência de que está sendo gravado, fique mais relaxado, passando a não monitorar a sua fala. Assim, tal fala aproxima-se do que Labov (2006) defende como vernáculo, situação que permite ao entrevistador fazer perguntas sobre as experiências pessoais do entrevistado.

No banco de dados do NORPOFOR, há 86 informantes distribuídos na modalidade de registro DID e, destes, selecionamos 72 informantes para compor nossa amostra, que é constituída por células homogêneas de 4 informantes cada, estratificados em *sexo* (masculino e feminino), *faixa etária* (I, de 15 a 25 anos, II, de 26 a 49 anos e III, a partir dos 50 anos) e *escolaridade* (A, 0 a 4 anos de estudo; B, de 5 a 8 anos de estudo;

---

<sup>24</sup> Vernáculo “é a língua primeira adquirida pelo falante, controlada perfeitamente, e usada primordialmente entre amigos íntimos e membros da família” (LABOV, 2006, p. 86). Podemos entender o vernáculo como a fala realizada em situações naturais, usada entre pessoas mais próximas; uma fala despreocupada, quando o indivíduo não presta atenção em como está produzindo as enunciações.



C, de 9 a 11 anos de estudo).

Quanto ao número de informantes por células, conseguimos nos aproximar o máximo possível da quantidade sugerida por Labov (1981), que seria cinco informantes por célula. Porém, o fato de não fecharmos células com 5 informantes não comprometeu os resultados almejados, como nos explica Monteiro (2000), quando assevera que os resultados “vai depender muito do grau de homogeneidade que se espera do comportamento linguístico da população a ser analisada” (MONTEIRO, 2000, p.90), situação alcançada nesta pesquisa, ao formarmos células homogêneas com 4 informantes cada.

Dito isso, começamos o trabalho de seleção dos inquiridos e, para isso, nos atentamos às transcrições, situação que nos permitiu separar os áudios em que havia uma maior ocorrência do fenômeno. Separados os informantes, ouvimos todos os inquiridos, na íntegra, e separamos os diálogos em que o fenômeno se apresentava. Finalizada a coleta de dados, definimos as variáveis que constituiriam nosso envelope de variação, a saber: *sexo, faixa etária, escolaridade*, acrescidos das variáveis linguísticas *tópico discursivo, traço semântico e animacidade do objeto, determinação do sujeito e papel do falante*. Feito isso, passamos a codificar cada ocorrência para *botar* e *colocar*, sendo 846 no total geral, no entanto, quando filtramos por sentido do verbo, no caso desta pesquisa, com o sentido de *fixar, pendurar, pregar, amarrar, instalar, desenhar e costurar*, contamos com apenas 86 ocorrências. A seguir, fazemos uma breve explanação sobre o programa computacional utilizado nesta pesquisa.

## 4.2 FERRAMENTA ESTATÍSTICA

Após codificarmos todas as ocorrências para *botar* e *colocar*, definindo o verbo *botar* como valor de aplicação, em um arquivo de dados, submetemo-los ao tratamento estatístico, que definiu quais fatores internos e externos ao sistema linguístico atuaram sobre a variante escolhida como valor de aplicação. Para obtermos os dados estatísticos, utilizamos o programa computacional GoldVarb X, uma versão atualizada do Varbrul



para Windows (SHERRE, 2012). A partir desses procedimentos, o programa indicou os fatores mais relevantes para a ocorrência do fenômeno estudado.

Concluída a rodada binária, o programa revelou o melhor nível de análise para aplicação da regra variável sobre “o número total de ocorrências (mostrando qualquer realização da variável) observadas naquele contexto” (GUY; ZILLES, 2007, p. 42). O GoldVarb X nos apresenta, além das frequências de uso de cada variante em concorrência, os pesos relativos (PR) de cada fator controlado, de acordo com Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005).

Com os dados estatísticos disponibilizados pelo programa, construímos gráficos e tabelas que foram interpretados à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]). A próxima subseção apresenta as hipóteses desta pesquisa, que serão confirmadas ou refutadas pelos resultados estatísticos oferecidos pelo GoldVarb X.

### 4.3 HIPÓTESES DA PESQUISA

Os trabalhos de Lavor e Araújo (2019), Lavor, Araújo e Viana (2020) e Araújo, Lavor e Pereira (2020), resenhados anteriormente, permitiram a construção de algumas hipóteses iniciais sobre a variação dos verbos *botar* e *colocar* na fala popular do fortalezense. Pretendemos que estas sejam, no decorrer das análises dos números estatísticos oferecidos pelo programa, confirmadas ou refutadas. Para esta pesquisa, conjecturamos, com base na amostra analisada, que:

- i) a variante *botar* é mais produtiva do que *colocar*;
- ii) os homens favorecem *botar*, ao contrário das mulheres;
- iii) os mais velhos são aliados do verbo *botar*, opondo-se aos mais jovens e aos adultos que o inibem;
- iv) os menos escolarizados são aliados do verbo *botar*, diferentemente dos mais escolarizados, que inibem o uso de *botar*;
- v) o sujeito determinado pelo contexto favorece o verbo *botar*;



- vi) a sentença em que o sintagma nominal é *+animado* e *+humano* beneficia *botar*;
- vii) o falante, no papel de beneficiário, privilegia o verbo *botar*;
- viii) dentre os *tópicos discursivos*, o fator *trabalho* inibe o uso do verbo *botar*, ao contrário do fator *recordações*, que lhe favorece o uso;
- ix) a alternância do verbo *botar* e *colocar* representa um caso de variação estável.

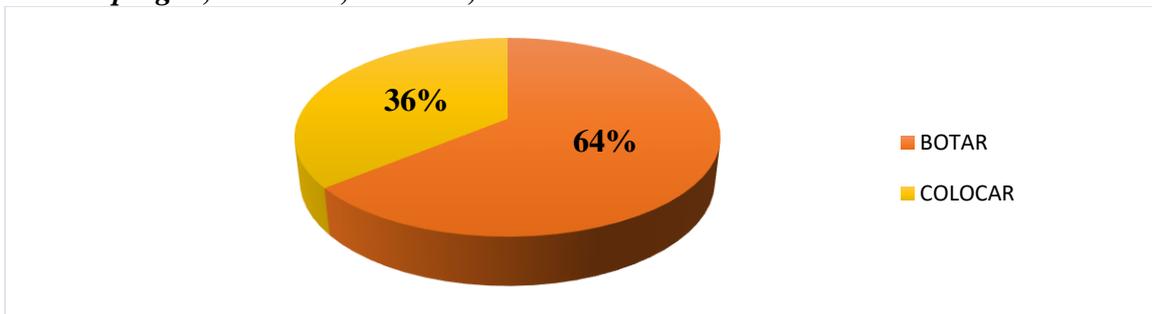
Apresentamos, aqui, em toda seção da metodologia, os procedimentos por nós adotados neste trabalho. A seção, a seguir, mostrará a descrição e análise dos resultados obtidos com os dados coletados.

## 5 DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em uma primeira rodada binária com os verbos *botar* e *colocar* – com sentido de *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar, costurar* – o programa GoldVarb X selecionou um total de 86 ocorrências para *botar* e *colocar*, mas nos surpreendeu com os seguintes nocautes: 01 no grupo de fatores *papel do falante*, no fator *beneficiário*, com apenas uma ocorrência total, 100%, para o verbo *botar*; 09 nocautes no grupo *tópico discursivo*, no fator *lazer*, com 100% das ocorrências (3) para *botar*, no fator *relacionamento*, com 100% das ocorrências (2) para *botar*, no fator *outros*, com 100% das ocorrências (2) para *botar* e no fator *religião*, com 100% das ocorrências (2) para o verbo *colocar*.

Optamos por desprezar os nocautes sem perdermos o total de ocorrências e prosseguirmos com outra rodada. Após uma nova rodada, agora sem os nocautes, o programa apresentou um total, já esperado, de 86 ocorrências, 55 (64%) para o verbo *botar* e 31 (36%) para o verbo *colocar*, o que já nos permite fazer algumas considerações. Vejamos o gráfico 1.

**Gráfico 1- Frequência dos verbos *botar* e *colocar* com sentido de *fixar, pendurar, pregar, desenhar, amarrar, instalar* e *costurar* na amostra analisada.**



Fonte: elaborada pelos autores.

Para esta pesquisa, concebemos a variante *colocar* como padrão e *botar* como não padrão. Além disso, entendemos que as variantes padrão são, grosso modo, as formas que mais se aproximam das variedades cultas da língua. Por outro lado, as variantes não padrão costumam se afastar dessas variedades, conforme Coelho et al. (2015).

As frequências estatísticas apresentadas no gráfico 1 não deixam sombra de dúvida sobre qual das variantes controladas é mais usada pela comunidade estudada, no caso a variante não padrão. Com uma frequência de **64%** para o verbo *botar* e apenas **36%** para *colocar*, a hipótese inicial – a variante *botar* é mais produtiva do que *colocar*, na amostra analisada – é absolutamente confirmada.

O resultado não surpreende, quanto à escolha do verbo *botar*, pois todas as pesquisas, inclusive as resenhadas neste estudo, apontam para a predominância desse verbo: Lavor e Araújo (2019), **78,5%** para *botar* e **21,5%** para *colocar*; Lavor, Araújo e Viana (2020), **85,7%** para *botar* e **14,3%** para *colocar*; Araújo, Lavor e Pereira (2020), **84%** para *botar* e **16%** para *colocar*. No entanto, mais uma vez, a diferença em percentual de frequência, aqui apresentada, nos faz refletir sobre o que leva essa variante, considerada estigmatizada, a se tornar a mais usada na comunidade popular de Fortaleza.

Aqui cabe uma colocação de Monteiro (2000), quando ele reflete sobre tais questões: “Uma variante, em geral, adquire prestígio, se for associada a um falante ou grupo social de *status* considerado superior. E, com isso, tal como se verifica na moda, pode passar a ser imitada por outras pessoas de classe inferior” (MONTEIRO, 2000, p.



64). Porém, no caso específico do *botar* e *colocar*, o verbo considerado de prestígio, e a ser copiado, é o *colocar*, situação contrária a que os resultados demonstraram.

Dito isso, o GoldVarb X, além das frequências de uso dos verbos em pauta, apresentou em seu melhor nível de análise, *input*<sup>25</sup> 0,660 e *significance*<sup>26</sup> 0,009, um único grupo de fatores como relevante, estatisticamente, para o uso do verbo *botar*, *escolaridade*, fato que torna os demais grupos de fatores irrelevantes, *sexo*, *faixa etária*, *tópico discursivo*, *traço semântico e animacidade do objeto*, *determinação do sujeito e papel do falante*.

A variável *escolarização* do informante é objeto de estudo de diversos pesquisadores que estudam os fenômenos variáveis, Oliveira, Silva e Paiva (1996), por exemplo, realizaram um levantamento a respeito de trabalhos acerca dessa variável e chegaram à conclusão de que há um padrão geral que associa um maior uso de formas padronizadas a falantes com mais anos de escolarização e que esses falantes tendem a privilegiar mudanças que implementam formas socialmente aceitas, desfavorecendo as formas que se opõem à forma padrão.

Vejam, na tabela 1, como se comporta essa variável nas amostras analisadas.

**Tabela 1- Atuação da variável *escolaridade* para o verbo *botar* na amostra analisada**

Fatores	Aplicação / Total	%	PR
A (0 a 4 anos de estudo)	11/21	52,45	0,362
B (5 a 8 anos de estudo)	29/35	82,9	<b>0,713</b>
C (9 a 11 anos de estudo)	55/86	64,0	0,340

*Input* 0,660

*significance* = 0,009

Fonte: elaborada pelos autores.

<sup>25</sup> Representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente (GUY; ZILLES, 2007, p. 238).

<sup>26</sup> É a margem de erro de uma pesquisa que é de 5%. Este valor nos indica o grau de confiabilidade dos resultados. Se o valor for acima de 5% significa que os resultados não são confiáveis (GUY; ZILLES, 2007, p. 238).



A variável *escolaridade* tem sido apontada como de grande influência na escolha de uma variante em detrimento de outra. De acordo com Oliveira e Silva e Paiva (1996), “[...] seja direta ou indiretamente, a participação da escola acaba sendo decisiva na configuração linguística da comunidade” (OLIVEIRA E SILVA; PAIVA, 1996, p. 350).

Lembramos que os informantes selecionados para esta pesquisa não possuem mais que o ensino médio completo. Eles foram divididos em três grupos: no grupo A (com 0 a 4 anos de escolaridade), estão aqueles informantes que nunca frequentaram a escola ou aqueles que fizeram o antigo primário, completo ou incompleto; o grupo B (com 5 a 8 anos de escolaridade) é formado por informantes com primeiro grau completo ou incompleto; e o grupo C (9 a 11 anos de escolaridade) reúne informantes com segundo grau completo ou incompleto, atual ensino médio (ARAÚJO, VIANA, PEREIRA, 2018b).

Observando o comportamento da variável *escolaridade* na tabela 1, podemos asseverar que o único *fator* a beneficiar o verbo *botar* é o *B*, com PR **0,713** e frequência **89,90%** (em que se concentram os informantes com 5 a 8 anos de escolarização). O *fator* *A*, com PR **0,362** e frequência de uso de **52,45%** (os menos escolarizados, com informantes com 0 a 4 anos de escolarização), se comporta como inibidor do verbo *botar*. Já o *fator* *C*, com PR **0,340** e frequência de uso de **64,0%** (o grupo dos mais escolarizados, com informantes com 9 a 11 anos de estudo), também se comporta como inibidor da regra variável. Quanto aos trabalhos resenhados aqui, nenhum deles apresentaram a variável *escolaridade* como favorecedora do verbo *botar* em seus resultados estatísticos.

Os números estatísticos apresentados corroboram, em parte, a hipótese inicial de que “os menos escolarizados são aliados do verbo *botar*, diferentemente dos mais escolarizados, que inibem o uso de *botar*”. Como apresentado, não são os menos escolarizados os aliados do verbo *botar*, mas, sim, aqueles com 5 a 8 anos de escolarização. Por outro lado, os mais escolarizados, com 9 a 11 anos de estudo, se comportaram como os maiores antagonistas do verbo *botar*. Logo, como podemos visualizar na tabela 1 apenas os entrevistados com 5 a 8 anos de escolarização se comportaram, realmente, como aliados da regra variável.



Além da confirmação e refutação de hipóteses, esses números nos permitem trazer algumas considerações, no tocante ao desempenho do verbo *botar* na comunidade, pois, por ser, esse verbo, considerado o de menor prestígio social, não padrão e estigmatizado, esperava-se que o grupo de pessoas menos escolarizados defendessem-no, fato não ocorrido, pois, como pudemos comprovar, pessoas com maior escolarização (5 a 8 anos), se comparadas com as de menor escolarização (0 a 4 anos), favoreceram o verbo *botar*. Logo, essa é uma situação atípica, se levarmos em consideração os estudos de Labov (1972), quando observou que os falantes menos escolarizados, frequentemente, usavam mais as formas não padrão, enquanto os mais escolarizados preferiam as formas padrão.

Em virtude de sua importância para os estudos sociolinguísticos, decidimos apresentar os grupos de fatores *sexo* e *faixa etária*, que compõem nossas variáveis sociais, mesmo eles não tendo sido selecionados como favorecedores do verbo *botar* pelo programa GoldVarb X. Logo, apresentaremos apenas os resultados de frequência, começando com a variável *sexo* e, em seguida, vem a variável *faixa etária*.

**Tabela 2 – Atuação do grupo de fatores *sexo* sobre o verbo *botar* na amostra analisada**

Fatores	Aplicação/Total	%
Masculino	17/31	54,80
Feminino	38/55	64,0

Fonte: Elaborada pelos autores.

A variável *sexo* foi apontada em diferentes momentos históricos, desde Fischer (1985), o primeiro a controlar essa variável e constatar que as mulheres usam mais as formas de maior prestígio do que os homens. Além disso, em momentos mais recentes, Oliveira e Silva (1996), em um trabalho de revisão da literatura, comprovaram o desempenho da variável *sexo*, em vários fenômenos variáveis, e constataram a relevância desse grupo de fatores para a maioria dos estudos variacionistas. Ainda, segundo a autora,

as mulheres apresentam uma forte tendência a usarem as formas padronizadas, as mais aceitas socialmente.

Os resultados encontrados para essa pesquisa não comprovam as conclusões dos autores supracitados, pois, como podemos observar na tabela 2, as mulheres, com frequência de **64,0%** de uso para *botar* (de cada 55 ocorrências, 38 foram para a forma de menor prestígio social), se comportaram de maneira diferente, ao preferirem mais a forma não padrão do que os homens, que apresentaram uma frequência de uso de **54,8%** (de cada 31 ocorrências, 17 foram para *botar*). Nesta pesquisa, consideramos o verbo *colocar* como forma padrão e inovadora, e o verbo *botar* como não padrão e de menor prestígio social, como já esclarecido. Nenhuma das pesquisas resenhadas apresentaram a variável *sexo* como relevante para o verbo *botar*. A seguir, apresentamos o grupo de fatores *faixa etária*.

**Tabela 3 – Atuação do grupo de fatores *faixa etária* sobre o verbo *botar* na amostra analisada**

Fatores	Aplicação/Total	%
I (22 a 35 anos)	16/25	64,0
II (36 a 55 anos)	16/26	61,5
III(a partir de 56 anos)	23/12	65,7

Fonte: Elaborada pelos autores.

Além dos conhecimentos sociolinguísticos, é patente que há diferenças marcantes entre a fala de uma pessoa idosa e de um adolescente ou entre um adolescente e uma criança. Tais diferenças estão diretamente ligadas à *faixa etária* de cada grupo social, mesmo dentro de uma mesma região ou pertencentes à mesma cultura, como nos esclarece Freitag (2005), quando defende que “[...] a faixa etária é uma variável extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização” (FREITAG, 2005, p.106).



Os resultados estatísticos levantados para esta pesquisa, demonstraram que o grupo dos informantes com mais idade (a partir de 50 anos) são os que mais fazem uso da forma verbal *botar*, com uma frequência de **65,7%** (de um total de 23 ocorrências, 12 são para *botar*). Essa *faixa etária* vem seguida dos mais jovens (22 a 35 anos), ao apresentarem uma frequência de **64,0%** na escolha do verbo *botar* em detrimento de *colocar*.

Esses números estatísticos informam que o verbo *botar* é mais frequente nos dois extremos, os mais velhos e os mais jovens, fato que nos leva a refletir na posição social desses grupos etários. Podemos levar em consideração que o grupo das pessoas com idade entre 36 a 55 anos esteja em plena concorrência no mercado de trabalho e isso as força a se manterem sempre atentas às formas de maior prestígio, principalmente, quando estão sob pressão, ao contrário do grupo dos mais velhos, que se apresentam como aqueles que estão próximos à aposentadoria ou já estão em plena estabilidade profissional e isso faz com que se importem menos com a pressão social e a concorrência. Quanto aos mais jovens, 22 a 35 anos, vários estudos associam os mais jovens com o uso de formas inovadoras, no caso desta pesquisa, o *botar*, fato não confirmado pelos dados apresentados.

Quanto aos trabalhos resenhados nesta pesquisa, a pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2020) selecionou o grupo de fatores *faixa etária* como relevante para a aplicação da regra variável, demonstrando que, entre as três *faixas etárias* controladas, a única aliada do verbo *botar* é a *faixa etária II*, com PR **0,899**. No entanto, quando visualizamos as frequências de uso dessa pesquisa – 22 a 35 anos (**77,8%**), 36 a 55 anos (**86,7%**), a partir de 50 anos (**88,9%**) – concluímos que, mais uma vez, o grupo dos mais velhos usa, com maior frequência, o verbo de menor prestígio social, *botar*.

Outra pesquisa que também selecionou o grupo de fatores em foco como relevante para a aplicação da regra variável foi Lavor e Araújo (2019). Esse trabalho confirmou que a *faixa etária III*, a partir de 50 anos, é a maior favorecedora do verbo *botar* com PR **0,612** e frequência de uso de **86,0%**, seguida da *faixa etária II*, 36 a 55 anos, com PR **0,525** e frequência de uso de **75,7%**, já a *faixa etária I*, 22 a 35 anos, comportou-se como



inibidora da regra variável com PR **0,299** e frequência de uso de **70,20%**. Como podemos perceber, as frequências de uso do verbo *botar* entre as três *faixas etárias* se apresentaram de forma decrescente, começando pelos mais velhos e chegando aos mais jovens. A seguir, apresentamos as considerações finais a respeito dos resultados apresentados nesta pesquisa.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da exposição dos dados estatísticos, aqui apresentados, e levando em consideração as hipóteses feitas para este estudo, chegamos à conclusão de que apenas duas das nove hipóteses foram confirmadas, uma delas por completo e outra apenas parcialmente. A que defende que “a variante *botar* é mais produtiva do que *colocar*, na amostra analisada” não deixou dúvidas sobre a preferência da comunidade pesquisada pelo verbo considerado de menor prestígio, *botar*, principalmente pelo *sexo* feminino.

A outra hipótese, que defende que “os mais velhos são aliados do verbo *botar*, opondo-se aos mais jovens e aos adultos que o inibem” foi confirmada apenas em parte, mas demonstrou uma tendência histórica que indica a preferência dos mais velhos no uso das formas menos prestigiadas.

Quanto às demais hipóteses, não foram confirmadas nem refutadas, pois, para tanto, seus conteúdos precisariam ter passado pelo crivo das análises, fato não ocorrido, já que os grupos de fatores que as originaram não foram selecionados como favorecedores nem como inibidoras da regra variável.

Confirmando os estudos de William Labov, podemos entender que a variação entre os verbos *botar* e *colocar* deve ser ainda mais discutida e refletida posteriormente, dada a importância do tratamento dado a essa variação e da questão social, quanto ao julgamento atribuído à variante *botar*, como a de menor valor social, uma vez que essa se apresenta como a de maior uso na comunidade estudada.



## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci Andrade de.; YIDA, Vanessa. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não respostas de informantes das capitais. **Signum**: estudos linguísticos. Londrina, n. 11/2, p. 15-31, dez. 2008. Disponível em: <[www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3040/2583](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3040/2583)>. Acesso em: 17 jul. 2017.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínio e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011. p. 21 – 47.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. O abaixamento da pretônica /o/ no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUISTICA E FILOSOFIA, 14, 2010, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. Anais..., v. 14, n. 2, t. 2. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2010. p. 1203-1214. Disponível em: [www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_2/1203-1214.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1203-1214.pdf). Acesso em: 20 out. 2019.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. O projeto norma oral do português popular de Fortaleza-NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUISTICA E FILOSOFIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v.15, n. 5, t. 1. p. 835-845. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/72.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa (Org.). **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-Ce**. Fortaleza: EdUECE, 2018.

ARAÚJO, Aluiza Alves de; LAVOR, Cassio Murilio Alves de; PEREIRA, Maria Lidiane de S. Os verbos botar e colocar no falar de Fortaleza-CE. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 65-83, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/31940>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ARAÚJO, Juliana Geórgia Gonçalves. **As construções com o verbo botar**: aspectos relativos à gramaticalização. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8850/1/2010\\_dis\\_jggaraujo.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8850/1/2010_dis_jggaraujo.pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2017

BARRETO, Krícia Helena; OLIVEIRA, Nathália Felix; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. A variação dos verbos colocar e botar na modalidade oral. **Via Litterae**: Revista de Linguística e Teoria Literária, Anápolis, v. 4, n. 1, jan./jun., 2012. Disponível em: <[www.unucseh.ueg.br/vialitterae](http://www.unucseh.ueg.br/vialitterae)>. Acesso em: 26 de set. 2021.

BATORÉO, Hanna J.; CASADINHO, Margarida. Botar as mãos na massa? Estudo Cognitivo da produtividade lexical do verbo ‘botar’ no PE e PB”. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2009, Évora. **Anais**



**Eletrônicos...** Évora, PT: Universidade de Évora, 2009. p. 37-55. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg4/04.pdf>>. Acesso em: 26 de set. 2021.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CARMO, Débora Lopes; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Os verbos *botar* e *colocar* no falar culto de Fortaleza: uma fotografia Sociolinguística. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6. n. 16, p. 282-297, jul. 2015. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/edicoes/21/18112015102622.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CHAVES, Monica de Freitas Frias. **Campo semântico e usos dos verbos colocar, botar e pôr no português do Brasil: uma contribuição ao ensino de PL2E**. 2014. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização de Formação de Professores de Português para Estrangeiros) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29145/29145.PDF>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Cristiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Sociolinguística: Curso de Licenciatura em Letras – Portuguesa na Modalidade a Distância**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <[http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica\\_UFSC.pdf](http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Cristiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

DÖRNYEI, Zoltán. Qualitative, quantitative, and mixed methods research. In: **Research methods in Applied linguistics**. p. 24 – 47, Oxford University Press, 2007.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo, FTD, 2003.

FISHER, John L. Social influences on the choice of linguistic variant. **Word**, New York, n. 14, p. 47-56, 1958. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/fischer1958.pdf>. Acesso em: 14 maio 2019.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, p. 105-12, 2005.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O tópico discursivo: procedimentos de expansão. In: PRETI, Dino (org.) **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas. 2005, vol. 7, p. 277-99.



GUY, Gregory Rui; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 389 p. Título original: Sociolinguistic Patterns.

LABOV, William; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. **The atlas os North American English**. **Berlim**: Mouton de Gruyter, 2006.

LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. *Language* p. 267 – 309, **Academic Press**, New York, 1981.

LABOV, William. The social stratification of /r/ in New York City department stores 1966. In: LABOV, William. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAVOR, Cassio Murilio Alves de. **Uma fotografia sociolinguística da variação dos verbos botar e colocar no falar de Fortaleza-CE**. 2018. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <[http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_CASSIO%20MURILIO%20ALVES%20DE%20LAVOR.pdf](http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTA%C3%87%C3%83O_CASSIO%20MURILIO%20ALVES%20DE%20LAVOR.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2020.

LAVOR, Cassio Murilio Alves de; ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Raket Beserra de Macedo. Uma fotografia sociolinguística dos verbos *botar*, *colocar* e *pôr* em Alagoas, Ceará e Piauí a partir de dados do ALiB. **Polifonia**, Cuiabá, v. 25, n. 37, p. 171-310, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/6111/pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

LAVOR, Cassio Murilio Alves de; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Os verbos botar e colocar no falar de Fortaleza-CE na perspectiva variacionista. *Intersecções*, Jundiá-SP, v. 27, ano 12, n. 1, p. 320-336, maio. 2019. Disponível em: <<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1400>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LAVOR, Cassio Murilio Alves de; VIANA, Raket Beserra de Macedo; ARAÚJO, Aluiza Alves de. A variação dos verbos botar e colocar no Ceará em amostra do Atlas Linguístico do Brasil. *Polifonia*, Cuiabá-MT, v. 26, n. 43, p. 01 – 357, jul./set., 2019. Disponível em: file:///C:/Users/MURILO/Downloads/7999-32579-1-PB%20(7).pdf. Acesso em: 27 de fev. 2020.

LAVOR, Cassio Murilio Alves de; VIEIRA; Vinicius da Silva; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Os verbos botar e colocar em Salvador e Porto Alegre: um estudo variacionista nos dados do Atlas Linguístico do Brasil. **Miguilim**, Crato-CE, v. 8, n. 3, p. 493-511, set./dez., 2019. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1996>>. Acesso em: 01 de mar. 2020.



LAVOR, Cassio Murílio Alves de; ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macedo. BOTAR O FILHO PELA BOCA! OS VERBOS BOTAR E COLOCAR NO FALAR DE FORTALEZA-CE SOB O VIÉS VARIACIONISTA. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 44, p. 01-20, ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/49111/0>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LUFT, C. P. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

OLIVEIRA E SILVA, Gisele; PAIVA, M. Conceição Auxiliadora de. Visão de conjuntos das variáveis sociais. In. SILVA, Giselle M. e SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, p. 335 – 390.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref). Acesso em: 10 jun. 2017.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões Sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro da Letras**, Bahia, n. 4, p. 117-149, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

---

Recebido em: 29/09/2021 | Aprovado em: 26/07/2022.

---